

CHAVES, Vania Pinheiro; MOREIRA, Lauro; CARDOSO, Solange Aparecida (Org.). *Lembrar Machado de Assis: 1908-2008*. Lisboa: LEPUL/Missão do Brasil junto à CPLP, 2009.



Lembrar

Lembrar e comemorar possuem um tronco etimológico comum, relacionando-se com as ideias de memória e celebração. É, portanto, evidente a razão pela qual o recentemente publicado volume *Lembrar Machado de Assis* deriva das comemorações do centenário da morte de “Bruxo de Cosme Velho”, realizadas em 2008 com um esforço colectivo das Universidades de Lisboa, de Coimbra e do Porto, e da Missão do Brasil junto à CPLP, com os apoios da Academia Brasileira de Letras, da Embaixada do Brasil em Portugal, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O livro parece radicar-se na iniciativa de lembrar – *celebrar, comemorar* – Machado de Assis um século depois da sua morte, bem como lembrar – *preservar do esquecimento*, por mais inimaginável que seja – a figura e a obra do grande escritor da Lusofonia.

A publicação reúne 17 conferências proferidas no âmbito do evento de 2008, a maioria das quais consta de aproximadamente dez páginas, apresentadas por ordem alfabética e introduzidas, em conjunto, por três textos: uma breve contextualização do lançamento do livro, feita por Vania Pinheiro Chaves, professora da Universidade de Lisboa e uma das coordenadoras da CLEPUL; um depoimento do Embaixador na Missão do Brasil junto à CPLP, Lauro Moreira: um olhar para a importância indiscutível da produção machadiana na cultura brasileira do último século e, paralelamente, numa perspectiva mais afectiva, na sua própria vida; e, finalmente, um sintético comentário – feito por soprano e estudiosa da música brasileira da câmara Luiza Sawaya – dos três poemas machadianos musicados e incluídos no disco que vem com o livro.

Dialogar

Os ensaios reunidos entrelaçam-se, dando uma imagem complexa e multifacetada do comemorado e da sua obra. Alguns focalizam-se na figura do autor,

como uma breve observação do académico Antônio Carlos Secchin (“Alencares e Assis”) sobre a paternidade simbólica que sempre uniu os membros da Academia Brasileira de Letras e, desse modo, aproximou Machado de Assis de José de Alencar e do seu filho, Mário de Alencar. O biógrafo machadiano Daniel Piza, autor de *Machado de Assis: um génio brasileiro* (2005), no seu ensaio (“Machado, não Casmurro”) observa a suposta correspondência que frequentemente se sublinha entre o comemorado e os seus narradores pessimistas, criticando, porém, a identificação, e comparando a biografia de um bem-sucedido Machado de Assis com a construção do fracassado narrador-personagem em *Dom Casmurro*.

Embora os outros artigos não deixem fugir a figura do autor do espaço crítico, a sua orientação é explicitamente virada para a obra em si. Destaca-se o trabalho da autora de *A Audácia dessa Mulher* (1999), académica Ana Maria Machado (“Diálogos machadianos”), onde se evidenciam várias dimensões do *diálogo* presente na obra de Assis, que, por coincidência, são capazes de formular elos de articulação entre os demais textos da publicação em questão. Portanto, a escritora parte de uma abordagem de discursos dos personagens machadianos, mantendo o seu texto, pois, uma relação complementar com o ensaio de Antônio Dimas da USP (“Obstinação dissimulada”), em que se explicita a construção de meio social – aqui, visivelmente voyeurística – e a sua relação com o desenvolvimento do enredo em *A Mão e a Luva*.

Sublinha-se também o diálogo com o leitor designado no texto, elemento desenvolvido por Abel Barros Baptista da Universidade Nova de Lisboa – autor de *Autobiografias* (1998) e *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis* (2003), entre outros – no seu ensaio (“O desdém dos finados”), que se concentra na questão da liberdade temática e formal de confissão em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, questionando categorias do acabamento do relato, da distância entre o narrador e o narrado, e da finalidade da confissão à vista da desqualificação dos narratários.

Machado dialoga também consigo mesmo: observação que coincide parcialmente com o artigo do académico Ivan Junqueira (“Machado de Assis cronista”), quando se fala da interligação entre a crónica e a ficção narrativa na produção literária do comemorado, dando luz ao ramo de produção de que, por vezes, se esquece falando exclusivamente do Machado romancista, embora a crónica constitua “um laboratório de sua ficção” (p. 130).

À parte do diálogo intra-autorial, uma porção considerável dos ensaios focaliza-se em várias formas do diálogo entre Machado de Assis e outros autores – precedentes e posteriores – ou artes. Nessa vertente inscreve-se o artigo de Ana Maria Lisboa de Mello da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (“Tradição e inovação nos contos de Machado de Assis”), inserindo a produção do contista Machado de Assis num contexto mais amplo do género e realçando aspectos como oralidade ou presença das figuras mitológicas. Quanto ao diálogo *inter-artes*, é interessante observar a relação entre a escrita machadiana e a música, evidenciada no disco já referido, com “Coração Triste”, “Lágrimas de Cera” e “Lua da Estiva Noite”, poemas de Machado musicados e gravados por Luiza Sawaya. O diálogo intermediático entre a literatura e a música, aborda-o Solange Ribeiro de Oliveira no artigo (“A música na ficção de Machado de Assis”), em que a pesquisadora da UFMG explica o funcionamento da metáfora de ópera em *Dom Casmurro*, realça a presença de *Otelo* de Verdi na história narrada por Bentinho e, através de uma comparação entre os contos *O machete* e *Um homem célebre*, mostra a posição do autor perante a evolução musical do Brasil e retrata a tensão entre o substrato erudito importado e a forma popular dele reinventada, enquanto uma representação metonímica da formação da cultura brasileira.

Um século depois da morte do comemorado realça-se um diálogo da obra machadiana com as vigentes formas de expressão e a presença de Assis no cinema, assunto abordado por Lauro António (“Machado de Assis no cinema”), em que o cineasta se debruça sobre a possibilidade de influência da sétima arte na obra machadiana e, mais adiante, inverte a perspectiva e traça um esboço da presença da escrita de Machado no cinema, passando por uma breve análise da construção das suas narrativas e da sua aptidão para adaptá-las ao grande ecrã. Porém, quem se concentra especificamente na questão de transladação intersemiótica, empregando um complexo aparelho teórico, é Beatriz Weigert da Universidade de Évora (“Machado de Assis: ‘O enfermeiro’ – da página à tela”). A pesquisadora parte de uma análise do quadro figurativo da enunciação num conto particular e compará-la com a sua adaptação cinematográfica, abrindo o artigo às observações sobre a natureza da transposição intersemiótica em geral. (Infelizmente, mesmo que não

seja uma questão mais pertinente, as datas de lançamento dos filmes referidos nos dois artigos acima mencionados em quatro casos não convergem, o que pode confundir o leitor.) Aliás, numa perspectiva comparatista, Maria Aparecida Ribeiro da Universidade de Coimbra (“Uma cartomante e três naipes”) observa não só a adaptação do conto machadiano ao cinema, mas também evoca três retomadas em banda desenhada e uma retomada literária (por Lima Barreto), fixando a sua análise nas questões da fatalidade, da punição do adultério e da inutilidade da crença, “os três naipes com que jogam aqueles que retomaram o conto [‘A cartomante’] de Machado de Assis” (p. 167).

Os textos sobre o fundador da ABL e a sua produção literária, bem como as reescritas da sua obra, formam um interessante diálogo intertextual, representado em *Lembrar Machado de Assis* principalmente por três textos que revelam três perspectivas diferentes. Quanto à produção metatextual – ou seja, crítica – Maria Eunice Moreira da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (“Outras histórias: Machado de Assis na leitura crítica de Moysés Vellinho”) traça um quadro da fortuna crítica sul-rio-grandense de Machado e procura razões da preferência dos estudiosos gaúchos pela sua obra, vendo-os, inclusive, ao considerá-lo “um brasileiro contra a paisagem” (p. 183), concentrado no ser humano. O segundo artigo, do autor da importante biografia machadiana, sendo *Para um novo Machado de Assis* (2006) o seu estudo integral mais recente, John Gledson da University of Liverpool, tem forma de uma conferência em tom falado (“‘Singular Ocorrência’ e o feminismo de Machado de Assis: uma experiência como crítico e tradutor”), em que o pesquisador inglês faz uma análise aprofundada de um dos contos machadianos, conjugando a sua prática do estudioso de literatura com um olhar empático do leitor, mostrando alguns possíveis pontos de contacto da escrita do autor de Capitu com o feminismo. O metatexto acaba com um exemplo de tarefa hipertextual de tradução, que revela algumas observações sobre a linguagem machadiana. Uma semelhante configuração da linha crítica e criativa, possui-a o ensaio de Domício Proença Filho (“*Capitu – Memórias póstumas*: um diálogo intertextual”), em que o académico esclarece a construção discursiva de *Dom Casmurro* – através da oposição entre Bentinho, narrador unilateral e possuidor da voz, e Capitu, privada do discurso – a fim de explicar o processo da transvocalização, essencial para a escrita hipertextual no romance de 1988, de que é autor.

Com isto, evidencia-se a presença de um “silêncio opressor” das figuras femininas na obra de Machado, sempre representadas por um olhar masculino – aspecto que entrelaça os dois últimos ensaios acabados de referir com um outro, de Helder Macedo. No seu artigo

(“Verosimilhança e verdade”), o estudioso português do King’s College observa que a caracterização de Capitu, enquanto figura socialmente definida e personagem julgada pelo narrador, se aproxima da representação do mulato na sociedade brasileira. Analisa também os três romances mais importantes de Machado – *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* – enquanto uma trilogia em que se questionam os conceitos do Realismo/Naturalismo, especificamente o determinismo, de que Capitu seria, no universo da última das obras referidas, uma simbólica fuga.

Há mais uma dimensão do diálogo ligada com o fenómeno de Machado de Assis enquanto escritor da língua portuguesa: o diálogo dentro do vasto espaço cultural da Lusofonia. Se os ensaios reunidos em *Lembrar Machado de Assis* mostram o constante interesse pela obra machadiana por ambos os lados do Atlântico, Arnaldo Saraiva (“Machado de Assis em Portugal”) comenta a fortuna crítica do autor já no Portugal do século XIX, sustentando que “a ideia do ‘completo desconhecimento’ de Machado pode evidenciar algum... desconhecimento” (p. 64). O sócio correspondente da ABL nota, porém, que era então conhecido principalmente como poeta, crítico e cronista, antes do romancista ou contista. O artigo de Ernesto Rodrigues da Universidade de Lisboa (“O poeta

Machado de Assis lido em Portugal”) segue essa hipótese, focalizando-se na produção lírica do escritor brasileiro reconhecida pela crítica portuguesa.

Assim sendo, *Lembrar Machado de Assis* pretende celebrar a grande figura da literatura lusófona e mostrar a importância e a complexidade da sua obra através da exposição de uma teia de relações, ou seja, *diálogos* com o leitor (através da construção narrativa), com outros autores (intertextualidade) e com outras artes (transposição intersemiótica), todos comentados nessa preciosa colectânea, que representa em si um trabalho de *diálogo* entre o país de Eça e o de Machado, escritores que, como já se sabe, nunca entra(ra)m em conflito. Ao concluir, permito-me exprimir a esperança que, com um exemplar oferecido à Biblioteca do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade Jagiellónica em Cracóvia, o fenómeno de Machado de Assis (e da literatura lusófona em geral) mais uma vez permita transgredir as fronteiras geográficas e entrar num novo colóquio multicultural.

GABRIEL BOROWSKI
Universidade Jagiellónica em Cracóvia

Recebido: 24 março de 2010
Aprovado: 30 abril de 2010